

Coletânea de Trabalhos Acadêmicos: O ato de educar

A avaliação bimestral da disciplina Filosofia da Educação II¹ consistiu na elaboração, durante a aula, de um texto a respeito da *práxis* educativa, através do qual as alunas pudessem visualizar perspectivas de uma educação mais humana e eficaz. A temática proposta foi **O ATO DE EDUCAR**.

Diante dos trabalhos apresentados, selecionamos aqueles que, a seguir, publicamos.

Educar para a liberdade

Eliana Aparecida Gonçalves M. Longo²

Como educadora, considero de extrema importância a reflexão acerca dos pressupostos ético-morais e políticos que condicionam a educação. Vivemos numa sociedade, em que a elite dita as regras do jogo, quem come, quem mora, quem estuda. O conhecimento encontra-se cada vez mais fragmentado, o professor desvalorizado e o aluno discriminado. A evasão escolar, a repetência, a exclusão, são temas que não saem das pautas de análise, sem que, no entanto, se tenha uma solução digna para todos. A cidadania, condição atribuída a todos os providos de dignidade, é sonho cada vez mais distante. Os valores se perderam no tempo e no espaço e o que prevalece, revoltantemente, é a lei do "salve-se quem puder".

O ser humano está se desumanizando cada vez mais. Neste contexto, torna-se fundamental ao educador refletir sobre o tipo de ser humano que se quer formar, que sociedade se pretende construir e como atingir tais objetivos. Estes são questionamentos que não se pode deixar de fazer, posto que a escola é palco para as grandes transformações sociais. Não podemos mais permitir que vidas passem pelas nossas mãos, sem que tenhamos contribuído de alguma forma para o seu crescimento cultural, social, político, econômico e, sobretudo, ético.

Costumo dizer aos meus alunos, que a escola pode transformar a vida deles. Que, através da escola, podem encontrar os caminhos para uma vida digna e cidadã. Nesta hora, já vi muitos olhinhos brilharem e isto é, para mim, a maior recompensa. Sei que estou, de alguma forma, tocando-os. Preocupo-me em ler os jornais e apresentar o que é e como poderia ser, além do que julgo muito importante o domínio dos conteúdos, sobretudo, de forma crítica, a fim de poder identificar as ideologias que se escondem por trás deles.

Trabalhando com crianças carentes de tudo, inclusive de família, minha luta é diária, mas não pouco é a esperança, pois sinto-me forte quando estou com eles. E como poderia não ser, se quando toco suas mãos, sinto os calos da colheita da pobreza e do abandono, os mesmos que tantas vezes senti quando tocava nas mãos de meu pai. Sempre tive orgulho de lutar por uma vida melhor, orgulho de meu pai e agora tenho orgulho de ser educadora e sei que não poderia ser outra coisa na vida. Como educadora, compreendo minha função social dentro da escola e da sociedade. É nesta perspectiva que norteio o meu trabalho, procurando discernir com meus alunos qual o nosso papel dentro dessa engrenagem chamada sociedade.

¹ José Eymard da Silva – Professor responsável pela disciplina Filosofia da Educação II

² Aluna do Curso de Pedagogia - CREUPI

Esta sociedade excludente machuca, fere. Veja, por exemplo, a polêmica lei da "cota para negros" nas universidades. Refletindo sobre ela, chega-se à conclusão de que este é o único jeito de garantir aos negros, o que já lhes é de direito, mas lhes é covardemente tirado. É, na verdade, uma forma desigual de igualar as oportunidades.

Confesso que esta reflexão tem muito de utopia, que alimento esmeradamente. Mas, o que seria de nós sem o sonho? Paulo Freire, o alfabetizador da desigualdade social, definiu o mundo e suas mudanças numa frase bem sugestiva: "O mundo não é, o mundo está sendo." (Pedagogia da Autonomia). Eu completaria esta frase, acrescentando que, por estar o mundo sendo, e nós juntos com ele, é que podemos mudar e a mudança começa na escola, um espaço privilegiado da construção de saberes que podem e devem ser significativos. A transmissão cultural deve ceder espaço a uma construção efetiva de saberes que preconizam uma sociedade fundada em princípios ético-morais, estéticos, políticos, voltados para a verdadeira cidadania, em que não se roube pela fome e em que o salário seja ético. A escola, na sua dimensão política, tem o dever de educar para a liberdade coletiva e para a democracia. Deve romper com parâmetros arraigados numa burguesia altamente discriminatória e estabelecer laços com um bem comum, a fim de que o ser humano possa nascer, crescer e produzir, sem perder a autonomia e dignidade.

Em cada um de meus alunos vislumbro um futuro melhor, porque juntos estamos fazendo o que devemos fazer. Minha busca por um mundo melhor, para mim, para todos e para outros que virão é incessante e, ainda, considero muito pouco. Nos livros, busco argumentos; nas poesias de Rubem Alves, o alento; nos sonhos de Paulo Freire, a mudança; no passado, o exemplo; no presente, a crítica, e, no futuro, a esperança. Sou um misto de sonho e de realidade, impulsionada pela sede de vitória, dentro de uma classe de subúrbio, rodeada de promessas de um mundo melhor.

Viver de forma ética é o caminho para a construção de uma sociedade crítica e competente, mas, para isso, o educador deve ter plena consciência de seu papel, que é fundamental para a transformação social. Certa vez, quando conversava com meus alunos a respeito do mal-cheiro proveniente do Matadouro Municipal, que se localiza nas proximidades da nossa escola, disse-lhes que poderia perfeitamente sair dali da nossa sala de aula a pessoa que poderia mudar esta situação e transferir o matadouro para outro lugar, onde aquele mal-cheiro não importunasse nem a escola, nem as demais residências. Eles ficaram indignados, formou-se um alvoroço, até que um deles se levantou e disse que, se o Lula, que também fora pobre conseguira, por que não eles?

Neste dia, convenci-me do meu caminho e o trilhei com mais afinco, sabendo levar comigo um futuro de possibilidades, personalizado em rostos ávidos e curiosos, aos quais me curvo e reverencio como minha razão de ser: educadora.

Da cidadania formal para a cidadania efetiva

Roseli Aparecida Martyr Ragazzo³

De acordo com o educador português, Antonio Nóvoa, a escola é o local para a produção do saber sistematizado, de forma que cabe aos educadores a árdua e sublime tarefa de fornecer ao educando os subsídios necessários para que o mesmo assuma conscientemente o seu papel de cidadão ativo na sociedade.

Por que dizer que a educação é uma tarefa sublime e árdua? Sublime, porque através dela o indivíduo pode libertar-se da força opressora que, muitas vezes, o torna escravo de sua ignorância. Árdua, por ter que acompanhar as vertiginosas mudanças da sociedade contemporânea e atender às necessidades desta mesma sociedade.

Vivendo em uma sociedade capitalista, em que as relações são de poder e que apregoa o individualismo, torna-se tarefa difícil, embora não impossível, educar para a instauração da democracia, pois não atingimos uma verdadeira democracia. Podemos exemplificar isso através da própria realidade educacional, pois, tanto pela LDB, lei que normatiza o sistema de educação, quanto pela Constituição Federal, a carta magna de nosso país, é assegurado formalmente a todo indivíduo o direito à educação. Contudo, efetivamente, podemos constatar quantos são os excluídos desse direito assegurado por lei. Diante disso, podemos afirmar que a passagem da cidadania formal para a cidadania efetiva não constitui um desafio apenas da educação, senão de toda a sociedade, num compromisso consigo mesma.

O educador, consciente de seu papel como veiculador do conhecimento sistematizado e formador do cidadão ativo, deve munir-se de um saber científico, abandonando o senso-comum e amparando sua prática na Psicologia, Sociologia, Filosofia, ciências estas que se tornam imprescindíveis para que sua prática se torne precisa e coerente.

Para que a prática educativa seja eficaz, há necessidade de uma intencionalidade. Precisa-se saber exatamente que tipo de cidadão se deseja formar e para qual sociedade o formaremos. É preciso estabelecer objetivos e estratégias que possam ir ao encontro das reais necessidades de nossos educandos, considerando-os como sujeitos reais e não como seres por nós idealizados.

Podemos aqui ilustrar nossa reflexão com um pensamento de Nietzsche, filósofo alemão, que ressalta em uma de suas obras o fato de que devemos educar para o instinto da águia, que alça altos vôos sobre o perigo, sondando a realidade, para assim buscar o melhor meio de encará-la de frente, e recusar a prática que educa para o instinto de tartaruga, que esconde a cabeça ao sinal de perigo, para nada ver, nada ouvir, nada sentir.

É o cidadão-tartaruga o mais fácil de se manipular. Por isso, é o tipo de cidadão que a classe dominante gostaria que a escola produzisse. Não podemos compactuar com essa realidade, reproduzindo, através de nossa prática, os interesses e a ideologia das classes dominantes. Devemos ter um pé na realidade e o outro na utopia, para agirmos com sabedoria e esperança de que somos capazes de contribuir para que as mudanças de fato ocorram.

Paulo Freire já dizia: "educar não é mera transmissão de conhecimentos, mas conscientização de vida."

³ Aluna do Curso de Pedagogia - CREUPI

Escola e cidadania

Fernanda Vallada Antão Rodrigues⁴

Aos poucos a escola vem tentando mudar sua condição de conteudista para a valorização dos procedimentos e das atitudes dos alunos. Se a escola não acompanhar as mudanças sociais, metodológicas e culturais ela estará fora dos padrões exigidos pela família e pela sociedade.

É fundamental refletir sobre a dinâmica da escola, estabelecendo uma relação harmoniosa entre cognição e afetividade no processo de aprendizagem.

A escola deve ser pensada sob o aspecto do espaço de produção do conhecimento, reinventando o seu jeito de ser, valorizando o sujeito que aprende os fatores envolvidos nesses aspectos.

Aprender é um processo que envolve conflitos, angustias, hipóteses e respostas.

Ensinar e aprender são ações que geram trocas de conhecimentos e trocas afetivas. Nesse sentido, quando o assunto é aprender, é interessante pensar como a escola vem atuando nesse campo. O professor precisa ter conhecimento profundo do conteúdo que trabalha, com sistematização do saber. Ele precisa ter uma formação humana, ética e política, caso contrário será um alienado. O processo de construção do conhecimento requer sensibilidade de quanto às diversidades.

O grande desafio é despertar o desejo nos alunos para que sintam prazer no ato de aprender, mas, para que isso aconteça, o educador deve sentir prazer no ato de ensinar, deve ter feito a escolha certa.

Inquietar o aluno na busca do saber é levá-lo a dar sabor a tudo que pensa, faz e realiza. Saber gera efetivamente sabor. É preciso levar a criança a soltar sua imaginação, sua paixão, envolvendo-a com sua aprendizagem. Porém, nenhum educador consegue isso se não tiver consigo todos esses aspectos.

O saber do educador não se adquire num livro de receitas. Requer pleno conhecimento daquilo que está ensinando para seu aluno. É necessário ter domínio científico dos conhecimentos de uma maneira clara e definida. É preciso saber onde se quer chegar, para que se quer chegar lá me como fará para que isso aconteça.

Formar o educando faz parte do processo de desenvolvimento, porém, mais importante que formar é transformar. Para esta transformação, as ações do educador devem estar sempre voltadas aos valores (dignidade, responsabilidade, honestidade, respeito, solidariedade, etc.), pois são eles que nos ensinam a viver bem com o outro.

O educando, a partir das ações do educador, deve se tornar um cidadão, tendo plena consciência de que sua presença e participação no destino da sociedade em que vive é de fundamental importância.

O educador tem o papel fundamental de educar para a liberdade e para isso precisa oferecer valores e critérios de tal forma que o aluno saiba usar sua liberdade de uma maneira responsável.

Concluindo, o educador deve sempre dar à sua prática um caráter político e social, pois somente assim será possível conscientizar o educando a "educar o olhar" para os diferentes aspectos, construindo, assim, uma sociedade mais justa e menos desigual, onde todos tenham seus direitos respeitados e possam viver com dignidade.

⁴ Aluna do Curso de Pedagogia do CREUPI